

Pescar e lavar roupas garante sobrevivência

Há quem conheça ou ao menos desconfie da situação de calamidade que se encontra o Lago Paranoá. Mas em alguns casos a vida não deixa muita opção para que o brasileiro escolha o tipo de relação e contato que gostaria de ter com águas poluídas. Existem também aqueles que não admitem qualquer distúrbio. Com o crescimento não programado da população do DF, o Paranoá tornou-se um local estratégico para quem, devido às circunstâncias, precisa da água do lago para o sustento e sobrevivência.

Segundo dados divulgados pela Caesb, a pesca no Paranoá é muitas vezes o único meio de subsistência para as famílias de baixa renda. Calcula-se que sejam retiradas do Lago de 200 a 300 toneladas de peixe por ano. Dependendo da ocasião, principalmente os moradores que habitam invasões próximas, são obrigados a utilizar as águas do Lago para lavar roupas, cozinhar ou tomar banho.

Enquanto o esgoto é jogado na natureza de um lado do Paranoá, homens, mulheres e crianças consomem do outro a água poluída sem qualquer cuidado ou tratamento. Perto da Barragem a cena mais comum é encontrar donas-de-casa com enormes trouxas de roupa na cabeça, quase sempre acompanhadas por uma fileira de filhos, a caminho do Lago. Quando indagadas sobre o risco que estão correndo ao ter contato direto com águas poluídas, elas afirmam que conhecem o perigo, pois muitas pessoas ficam doentes, sobretudo quando têm contato com o Lago.

COCEIRA

Luzia Tereza da Silva mora há sete anos na Vila Paranoá. Contando que a água do Lago já

serviu na maior parte das vezes para matar a sede de seus filhos, ela diz: "Ou morremos de sede e fome ou nos arriscamos a pegar doenças". Sua filha Ana Paula da Silva Carvalho sempre a acompanha nos dias de lavar roupa. Ela lembra que sente muitas coceiras depois de ficar tanto tempo dentro da água.

Desde criança Maria do Rosário Antônio mora na Vila Paranoá. Dizendo estar acostumada com a dureza da vida, ela conta que não adianta ficar lamentando, o jeito é ir levando. Bem-humorada, Rosário brinca com a tragédia enquanto lava uma pilha de roupas: "Aqui dá muita cobra, mas elas são muito azaradas quando escolhem alguém daqui para morder. Elas é que acabam morrendo envenenadas".

Para quem bebe a água do Paranoá não fica difícil aceitar os peixes contaminados durante as refeições. Os pescadores surgem de todos os lados e utilizam diversos artifícios para um dia de boa pescaria. Carlos Alves Matias e Paulo Pedro Santos, em embarcações precárias, que a qualquer momento podem afundar, conseguem tirar do Lago 40 quilos de peixe por dia. O fruto de um dia de trabalho, começa às 3h da madrugada e vai até o final da tarde, é vendido às margens do Lago e as vezes chega nas cidades-satélites.

O peixe mais vendido é o cará, que pode ser comprado em latas por até Cz\$ 700. Os pescadores profissionais em geral, preferem as redes para a pescaria, mas a tradicional vara ainda é muito utilizada. Em cima da Ponte do Paranoá, próximo ao Centro Comercial Gilberto Salomão, não é difícil avistar um grande número de pescadores, que insistem em elogiar os saborosos peixes do Lago.

JOAQUIM FIRMINO



As lavadeiras do Paranoá: água de beber provoca coceiras